S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 26 de abril 1913 — ANO XII — N. 188

Publica-se aos sabados

Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:

ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

A' associação! A' associação!

Será este daqui por diante o nosso grito de guerra, agora que a reacção, isto é, todas as forças coligadas contrarias estão ocupando todas as posições vantajosas, nelas se entrincheirando para no momento azado, na primeira oportunidade cair de chofre sobre as nossas fracas obras de defesa e esmaga-las.

A indiferença irreflectida, o pouco interesse que ligamos ás coisas mais sérias, o muçulmanismo do maior numero juntos á confiança que muitos dos nossos camaradas (é justamente sobre estes que recairá toda a responsabilidade no que vier a acontecer) ligam á grande força que representam alguns pequenos nucleos esparsos aqui e ali, forças que são por certo a mola da nossa acção, porém que não poderão resistir ao choque dos barbaros comandados pelos Atilas modernos do obscurantismo religioso apoiado no capitalismo universal e todo poderoso, se não lhes opuzermos fileiras mais compactas e resistentes do que as de que dispomos actualmente, podemos desde já dizer que seremos inevitavelmente batidos.

E' isto justamente o que teem previsto os revolucionarios que na Europa como na America do Norte estão á frente do movimento emancipador.

O desafio lançado a nós outros por ocasião do recente Congresso Eucaristico de Viena d'Austria, ao serviço do qual o governo clerical desse país poz toda a tropa, armando cada soldado com *vinte cartuchos embalados,* ordenando-lhes: «não atirar nem para o ar, nem para o solo, porém apontar certo!» (moção de Magalhães Lima ao Congresso do Livre Pensamento de Genebra, Suissa) é uma clara advertencia para todos nós e uma prova de como o alto comando romano juntou á tatica secreta a acção ostensiva e provocadora dos seus agentes espalhados pelos quatro cantos do globo.

Entre nós a situação tambem se define. Já não bastam as agencias de recrutamento de esposas de Cristo, como esta igreja de Santo Afonso sobre a qual o jornal carioca a *Gazeta* chamou a atenção, ha pouco, do publico com este titulo sugestivo acompanhado de fotografias: «Os padres holandezes da igreja de Santo Afonso sugestionam moças catolicas a entrar para o convento», facto denunciado com indignação pelo irmão de uma das vítimas. «E não foi só esta senhorita a vítima» acrescentou; ha outras senhoritas, em numero de cinco, ás quais sucede facto identico.»

E' bom reflectirmos sobre a palavra «senhorita»; ela resume tudo o que vai de criminoso da parte destes desvergonhados abutres coroados. Para eles não ha lei de expulsão, nem o frade holandez pode ser comparado ao operario, lá isto não.

Os salesianos levam ao presidente da Republica, no palacio do Catete, fazendo-as passear pelas ruas da cidade, 450 crianças militarizadas, captando para eles, salesianos, as boas graças oficiais e mais as dos patriotas, estes loucos perigosos que Merlino catalogou entre as bestas mais ferozes, perque os chacais, porque estes ao menos não se destroem entre si.

Que podemos nós opor a tudo isto?

Muito pouca coisa, devemos convir.

Portanto, ou nos decidimos já (ouviram amigos?) a tomarmos cada um o posto de combate, organizando-nos solidamente, ou nos deixamos ficar na apatia, o que nem mais nem menos corresponde a um suicidio estupido.

Pensemos bem no abismo á beira do qual nos achamos.

Adrecal.

Rio, 21 — IV — 1913.

Absurdos, crimes e imoralidades catolicas

I
ABSURDOS

O maior dos absurdos da igreja catolica é a historia da *Creação.*

Pelo «Antigo Testamento» e por todos os livros vulgarizados pela Igreja, — como se sabe geralmente, Deus creou o mundo em 6 *dias.* Interpretam alguns, — para ver se o absurdo se desculpa, — que não foi em 6 dias; mas, em 6 *epocas.* Seja, porem, como fôr, dias, semanas, meses, anos ou seculos, não se pode admitir que uma entidade eterna se subordine a periodicidades, a divisões do tempo, que são apenas uma convenção dos homens.

O erro maior, porêm, é que no 1º. dia mandou Deus fazer-se a luz, ao passo que só no 2º. dia creou o firmamento (a que chamou céu), e no 4º. é que creou o sol, a lua e as estrelas! Sabendo que a nossa luz emana do sol, da lua e das estrelas, no firmamento ou céu, compreende-se às claras esse absurdo. No 3º. dia «reuniu em um só lugar, sob o nome de mar, as aguas que cobriam a superficie da Terra e mandou que esta produzisse toda especie de plantas.» Antes do mais, reuniu uma coisa (aguas) em uma outra que não consta tivesse sido creada (a Terra); e sabe-se que as aguas espalhadas na superficie do globo não foram reunidas em um só lugar, porque ha muitos mares, bem separados. «No 5º. dia creou os peixes e as aves, e no 6º. os animais terrestres». Como se as aves não fossem tambem animais terrestres. Em seguida, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, de um pouco de barro, animou-o com o seu sopro divino, introduziu-lhe uma alma imortal e deu-lhe o nome de Adão, que em hebraico significa ao mesmo tempo «homem» e «terra vermelha». Uma entidade incorporea, fazendo o homem à sua imagem e semelhança?! E amassou barro ou limo, para o fazer, com honras de pedreiro; soprando vento, como as creanças sopram bolhas de sabão, e metendo lhe no corpo uma alma, que não se sabe de que modo, quando e de que materia foi formada!

Concluida assim a obra da Creação, Deus descansou no 7º. dia! Grandissimo mandrião! Em toda a sua eternidade, só consta ter trabalhado 6 dias, vivendo em inteira ociocidade antes e depois dessa *grande obra* que fez! E que obra! sem ordem, sem metodo (segundo as Escrituras), sem trabalho, de tempos a tempos, preguiçosamente e bastando gritar: «faça-se», para a coisa se fazer!

Diz o «Genese»: «No começo Deus creou o céu e a Terra; tirando-os do nada, diz o «Catecismo». Onde habitava Deus antes de crear o céu, onde ele existe?... E a Terra, particula da grande nebulosa, existia informe, ignivoma, segundo a sciencia, mas em meio de trevas, segundo as Escrituras, até que Deus creou a luz, para ver a sua obra!... E sabe-se que nada pode tirar-se do nada, «*ex-nihilo nihil*».

Outro absurdo é dizer tambem o Genesis que «da noite e da manhã se fez o 1º. dia.» Como, se o Sol só foi creado no 4º. dia?

Ainda outra é dizer que as estrelas foram creadas em um só dia, ou de uma só vez, quando a analise espectral tem verificado que ha estrelas de todos os tempos ou idades, contando-se até por seculos as diferenças de formação delas! Sempre se crearam e ainda hoje, eternamente, elas se formam das nebulosas.

Engraçado é dizer o «Genesis» que as estrelas (sol, lua, planetas, etc.) foram formadas depois da Terra (no 4º. dia)! Alem de a nossa luz emanar do Sol e das estrelas e não se conceber que houvesse luz (creada no 1º. dia) sem existirem os astros, não se pode conceber tambem como o nosso globo pudesse existir solto no espaço sem as leis da atracção e da repulsão, que o sustêm no infinito, girando em redor do Sol.

O homem feito à imagem de Deus! E' sinal então que esse Deus da Biblia não é espirito, mas corporeo, material; a menos que se queira sofismar que um corpo pode ter forma de espirito. E o que parece é que Adão foi hermafrodita, pois sabe-se que Eva foi tirada de uma costela de Adão, isto é, o sexo femea formou-se do sexo macho, de um pedaço dele, não constando porêm que o homem seja deformado por isto ou que tenha uma costela de menos.

Essa historia da creação do homem é quasi a mesma de Prometeu, na mitologia, o qual é o deus ou genio do fogo, que formou o homem do limo da terra e para anima-lo furtou o fogo do céu. E o Adão é o Adimo do Exourveidam, ou imitação de Adonis, ou Adonai.

O mundo nunca foi creado; o texto hebraico diz *barah,* que quer dizer «arranjar, dispor», vocabulo aquele que na versão latina se traduziu por *formavit,* que de facto significa «arranjou, formou» e que na versão portugueza se traduziu erradamente por «creou». A materia é eterna, não se cria, mas se transforma. E não se pode conceber mesmo que Deus, uma entidade eterna, passasse tanto tempo na inactividade e um dia começasse a crear, descançando depois. E crear, tão desordenadamente, umas coisas que não podem existir sem outras, como a Terra antes das estrelas, a luz antes do sol, etc.!

Celebres padres da Igreja reconhecem os absurdos do Genesis. Origenes (*Philos,* p. 12) confessa que, tomada à letra, é absurda e contraditoria a historia da Creação. E o proprio S. Agostinho, que tanto procurou sofismar, chegou a reconhecer que não se podem conservar, por absurdos, os tres primeiros capitulos da Biblia (Do Genesis, contra Manicheos).

M. C.

A caridade catolica



— Mamãe, aí vem outra vez o senhorio!

— Não, agora venho como membro da nossa santa sociedade O Pão de Santo Antonio, trazer-lhe esta esmola, o que não quer dizer que o oficial de justiça deixe de executar o mandado de penhora.



CONFEITOS BÍBLICOS

As trombetas e o guia

Era uma nuvem que guiava os israelitas na sua penosa e demorada marcha através do deserto; mas — coisa estranha! — essa famosa nuvem do Senhor (de noite, era fogo... de artificio) não impedia Moisés de pedir a algum parente seu que lhe servisse de guia... (Numeros, IX e X).

Assim Hobab, filho do madianita Raguel. O chefe hebreu diz-lhe: «Não nos deixe, porque tu sabes em que lugares do deserto devemos acampar, e serás o nosso guia.» A nuvem então era... puro ornamento, para hebreu ver e acreditar...

E havia tambem cornetas, como num regimento moderno. O mais engraçado, porém, era que os clarins, assim como os toques da ordenança, tinham sido prescritos e ideados pelo proprio generalissimo, pelo tal «Senhor», só visto e conhecido pelo finorio do Moisés.

Aquele Deus regulava as mais insignificantes minudencias da vida colectiva, familiar, individual, religiosa, etc. do seu «povo eleito», determinando decerto até o feitio e o tamanho do vaso de noite — se é que o havia nessa época...

Se é que o havia... porque Deus tinha falta de genio inventivo, e só inventava o que já estava descoberto pelos homens. Assim, para ajudar o seu povo eleito na conquista da terra prometida, já que não lha queria dar pura e simplesmente sem lhe exigir esforço, inventou ele porventura a polvora, o canhão Krupp, a metralhadora, o simples revólver?... Qual! Entretanto, do Sabaot hebraico não faltava sêde de sangue e de matanças...

Inventou as trombetas e determinou os toques — coisas que já existiam antes de ele nascer... da cabeça dos hebreus.

Pobre Jeová! Fazias convocar e marchar o teu povo a toque de trombeta, e agora expulsam-te... a toque de caixa!

O Confeiteiro.

Da Porta da Europa

Continua em França a luta entre os militaristas e os antimilitaristas — Um bom terreno de acção — Resultados já obtidos: contra-projectos anódinos e promessa vagas — Uma afirmação ousada da Confederação Geral do Trabalho — Nova complicação da questão do Oriente — Uma aliança de gigantes contra um anão: as grandes potências contra o Montenegro — E' a desconfiança recíproca que as une! — A atitude ambigua da Rússia — Explicações dum ministro russo aos panslavistas — Escaparemos ainda desta?

LISBOA, 7 DE ABRIL

Nesta triste e escura época que atravessamos na Europa, a questão que continua a predominar é o militarismo, é a guerra.

E é ainda em França que mais aceso vai o combate entre duas fôrças contrárias — as mesmas que se defrontaram há quinze anos, em tôrno do caso Dreyfus; a do militarismo, apoiada sobretudo nos interesses da classe militar profissional, dos financeiros, dos fornecedores do exército e dos constructores de material de guerra; e a do antimilitarismo, assente principalmente no proletariado, cujos interêsses concordam com os interesses superiores da humanidade.

A agitação popular contra os projectos militares prossegue vivamente, e a ameaça do regresso ao serviço activo por três anos conseguiu o que nenhuma outra plataforma de luta tinha alcançado: uma vasta acção de conjunto, com a adesão da grande maioria dos trabalhadores, de blusa ou de farda, e o revigoramento da Confederação Geral do Trabalho.

E o facto é que esta agitação operária, com a cooperação de muitos elementos intelectuais sinceros, conquista terreno de dia para dia e já obteve visiveis resultados. Já começam a aparecer os contra-projectos, as propostas conciliatórias, com as quais se procura acalmar a irritação que alastra e deitar poeira aos olhos do povo; e o próprio govêrno, apesar de ter por missão especial fazer adoptar o projecto dos três anos, dá a entender, ante o descontentamento dos soldados, que é possivel... é provável que a lei não tenha efeito retroactivo, que não seja preciso reter nas fileiras, por mais de dois anos, os homens actualmente nos quarteis.

Mas nem com essas vagas e incompletas promessas, nem com esses anódinos e insuficientes contra-projectos, perde intensidade o movimento popular contra o perigo militarista e guerreiro; e a C. G. T. afirma ousadamente que a nova lei espoliadora e opressiva não será aplicada, ainda que aprovada seja.

Por outro lado, complica-se de novo gravemente a questão do Oriente, ainda semi-bárbaro, e de novo causa inquietações, quanto à sorte da paz europeia e da laboriosa civilização ocidental, que traz em gestação um novo mundo, de novo causa inquietações a atitude sombria e obscura da Austria e da Rússia, onde é ainda débil a força revolucionária do proletariado consciente e organizado.

As grandes potencias europeias decidiram uma acção comum, suficientemente grutesca, contra o Montenegro, para o constranger a desistir de Scutari, em favor da futura Albánia — tosco penedo com que a Tríplice Aliança barrou o caminho do Adriático aos eslavos...

Mas manterão as potências esta singular aliança contra um minusculo anão? Ou teremos enfim, neste novo incidente grave, a scentelha conflagradora tam temida?

A Rússia aderiu à acção colectiva dos potências e à demonstração naval, mas absteve-se de tomar parte nesta última, como satisfação aos eslavófilos, e o seu ministro do exterior fez declarações que demonstram a persistência duma tensão austro-russa, perigosíssima para a paz da Europa.

Esse ministro declarou que a Rússia trata de impedir que a Austria esmague o Montenegro e exerça uma acção insulada, que a leve a afirmar o seu protectorado sôbre a Albánia. Reclama tambêm o império tsarista que a demonstração naval seja discreta e se limite a impedir os aprovisionamentos militares por mar... Ao mesmo tempo os panslavistas fazem ruidosas manifestações anti-austríacas...

Que sairá daqui? Passaremos ainda incólumes este novo Cabo das Tormentas, podendo enfim aproar à paz no Oriente e a uma relativa tranquilidade da Europa? Infelizmente o período das provações ainda não passou...

Neno Vasco

Morticinios cristãos

Em Salónica, e nos arredores, continuam os estragos, tais que é um prazer. Escreve-me um «consul» (pela carta, vejo que só se trata da Macedonia) que «foram trucidados pelo menos 260 mil turcos». E, como *pendant,* ouvi eu dizer, num almoço de embaixada em Constantinopla, — parece horrivel, mas é absolutamente conforme à verdade, — que não menos de «34 mil mulheres e crianças foram estranguladas, só pelos búlgaros»..., trinta e quatro mil mulheres e crianças cujo crime único consistia em não serem «cristãs». E, nem por elas, nem pelos 240 mil assassinados da Macedonia, moveu um dedo, num esforço de salvação, o incontentavel clero que acompanha o «exercito cristão»... Niëtzsche dizia: «Chamo ao Cristianismo a grande maldição.»

E vêde como são belos, os modernos cavaleiros da cruz! Os vinte mil kleftas, de aneis repelentes de gordura, em traje meio de bandido, meio de teatro, com um punhal à cinta... Vinte mil ardentes irmãos de Cristo, com os quais não é prudente dar dois passos na rua, sobretudo os cretenses, individuos comparaveis aos brutos mais selvagens de todos os tempos, e que, ainda ha dois anos, sob a chefia de oficiais gregos, incendiavam as aldeias dos seus aliados, empalando e passando a fio de espada os habitantes...

Mas que são os assassinos gregos ao lado dos comitatchis búlgaros? Estes são arsenais ambulantes, vendo-se apenas, por cima, a cabeça duma fera de cabelos erriçados e sem chapéu... Monstros à vista dos quais eu antes beijaria uma hiena! E como essas superhiena são tambem mansas, meigas, submissas, perto do padre! Como se apressam a lamber a mão do pope! Mas o pope, servidor de Cristo e da dou-

AO CLERO

Em teologia douta e omnisciente,
Prégas, ó padre, a fé do Nazareno,
E com dição pausada e comovente,
Os olhos ergues para o céu sereno.

Falas a todos e o teu verbo ardente,
Como uma inspiração desliza ameno,
Levando a crença ao coração da gente
E condenando o amor — letal veneno!

Como cilicio á carne, não casaste,
Evitaste a serpente matrimonio,
Monstro horrendo que sempre desprezaste.

Embora julguem teu viver erroneo,
Fiel ao celibato, procriaste
E assim fugiste ás garras do demonio...

Peraldiano.

Quixadá, 29 — 3 — 1913.

trina do perdão, onde e quando levantou a mão para perdoar e reconciliar?

Eis porque pretendo que o cristianismo nunca experimentou uma falência tão completa como por obra dos cristãos balcanicos... Pode-se sem duvida perguntar-se se não é criminosa a casa principal, quando a sucursal é explorada por um bando infame.

Fique bem assente que quem praticou tamanhos horrores não foram apenas os «bandidos», os elementos «não militares», como dizem com ênfase os governos balcanicos. As tropas regulares não fizeram menos. Onde está o novo Zola que venha lançar aos Estados balcanicos o seu «Eu acuso»?

Conhece-se o que fizeram os nobres sérvios. Ha de tambem fazer-se a luz sobre os actos dos búlgaros. Na sua alçada, não estrangularam em menor escala do que os seus aliados servios. E os gregos? Ide a Salónica e perguntai aos consules, perguntai às colónias, alemã, austríaca, francesa, italiana, por exemplo. Todos vos narrarão coisas de pôr os cabelos em pé.

Dr. Hans Barth

ADOLFO ANTA

ainda se encontra preso na Detenção do Rio

Sem que até agora se tenha dito porque motivo, ainda continua na Detenção do Rio o operario Adolfo Anta, ha quatro meses para lá transportado pela policia de Santos.

Legalmente não póde ninguem estar preso por mais de 24 horas sem culpa formada, e no entretanto este operario já se encontra na prisão ha quatro meses, sem que seja acusado de crime algum!

Prenderam-no, em Santos, quando ele foi á delegacia levar a comunicação de um comicio a ser realizado e por esse crime horrendo é que o transportaram para o Rio e ainda lá o conservam, em tristissimas condições, na Casa de Detenção.

E depois ainda veem os jornalistas da verba secreta esbravejar contra as associações operarias que levam estes factos ao conhecimento dos trabalhadores europeus para que não se deixem iludir pela enganosa propaganda dos enganjadores de escravos brancos.

Ora, ora... Esquecemos que estamos no regimen do povo e para o povo...

Biblia vermelha

Despi a sotaina e abandonei o sacerdocio por não querer cometer o maior dos crimes sociais: a mentira, a impostura e a hipocrisia; mas não calunio ninguem e presto homenagem a todos os crentes e a todos os padres sinceros.

O celibato dos padres, que existe desde o seculo IV, foi desde então até hoje causa de devassidão e, na opinião dos proprios padres, a maior parte dos papas da idade media não foram senão monstros de iniquidade.

A confissão auricular só existe desde o seculo XII e o proprio Santo Agostinho diz que a Igreja não tem o poder de perdoar os pecados.

⁂

A ignorancia e o medo são o eixo de todas as religiões. Todas teem uma origem idolatrica. Um dia virá em que todos compreendam que o Deus dos cristãos, o Deus dos judeus, o Deus dos muçulmanos são idolos exactamente como os deuses da antiguidade pagã. Nesse dia, haverá muito mais amor e fraternidade entre os homens.

Ex-padre Claraz.

NO RIO

FESTA DE PROPAGANDA SOCIAL

O Grupo Dramatico Anticlerical, novel e proveitosa agremiação fundada por um nucleo de activos socios da Liga Anticlerical, organizou uma magnifica festa de propaganda, que se realizará no dia 30 do corrente, no Teatro Centro Galego.

E' o seguinte o seu bem compilado programa:

1.ª PARTE — *Primeiro de Maio*, drama social em 1 acto, de Pedro Gori;

2.ª PAREE — Conferencia pelo camarada dr. José Oiticica, que dissertará sobre o tema — *O trabalho livre*;

3.ª PARTE — *Amanhã!* peça social em um acto de Manuel Laranjeira;

4.ª PARTE — Baile familiar.

Os cartões de ingresso para esta bela velada encontram-se na séde da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

A "Lanterna" transformada em diario

Já foram iniciados os trabalhos para a execução do nosso projecto — Dentro de pouco tempo disporemos de um diario de combate.

Já estamos dando inicio aos trabalhos necessarios para a transformação da *Lanterna* em diario.

Impelidos pela necessidade cada vez mais premente da execução do nosso projecto, aceito com provado entusiasmo pelos nossos companheiros de luta, julgamos grandemente prejudicial qualquer protelação.

Se já não fossem suficientes todas as fortes razões aqui expostas em favor do nosso projecto de transformar este periodico de combate em um diario que possa ser o eco dos protestos do povo oprimido e explorado e de suas campanhas reivindicadoras, bastaria para justificar amplamente essa importantissima iniciativa a situação em que ora nos encontramos em consequencia da tremenda campanha contra a carestia da vida. As manifestações de ostensiva provocação do elemento clerical, cujas forças aumente de maneira assustadora, e uma serie de factos da vida cotidiana apresentados ao publico inteiramente desvirtuados corroboram ainda as nossas razões.

E que podemos faser nós com o semanario, quando os elementos reaccionarios contam incondicionalmente com o apoio da imprensa diaria, escravizada ás conveniencias dos governantes e da clericanalha?

Não é com um periodico aparecendo de sete em sete dias que poderemos estar em condições de fazer frente com vantagem aos embusteiros e exploradores.

E por isso estamos metendo mãos á obra para que dentro em breve possamos ter o nosso diario a circular por aí além como o mensageiro da nossa batalha libertadora.

Com esse fim já estamos procedendo á arrecadação do capital subscrito e remetendo as respectivas acções.

Estamos tratando de reforçar o material tipografico do jornal e de adquirir a maquina de impressão, já tendo uma muito conveniente em vista.

Apressem-se, pois, os nossos amigos em remeter as quantias com que subscreveram. Pela volta do correio enviaremos a todos as acções respectivas.

Cabe-nos comunicar aos amigos do jornal que mesmo para a edição semanal somos obrigados a comprar a maquina, pois já estamos lutando com grandes dificuldades para a sua impressão fóra. Ha tres semanas que grande parte da remessa do jornal, devido a isso, tem sido expedida com atrazo.

Urge, portanto, que todos nos esforcemos para dotar o jornal dos recursos exigidos para a pontualidade da sua publicação semanal, agora, e diaria dentro do mais breve tempo possivel.

Trabalhemos todos com entusiasmo para a execução da iniciativa que tantos beneficios trará á propaganda!

Amigo Edgard:

Saudações.

Tarde embora, não posso deixar de prestar o meu pequeno concurso a uma causa tão justa como esta que defendeis: a transformação da *Lanterna* em diario.

Ajudando com o meu pequeno prestimo de uma acção, sinto não poder tomar mais para melhor levar a nossa obra ávante.

Santo Antonio da Figueira.

Nicacio Perez.

⁂

Carissimo amigo Edgard:

Saudações.

Tarde sim, mas não posso deixar de prestar o meu pequeno concurso a uma causa tão justa como esta que defendeis: a transformação da *Lanterna* em diario.

Ajudando com o meu pequeno prestimo de uma acção, da qual por estes dias vos mandarei a importancia, sinto não poder ajudar mais.

Barretos, abril de 1913.

José Hortencio.

⁂

Amigo Edgard Leuenroth:

Saudações.

A 16 de novembro do ano passado recebi o compromisso de subscrição e só hoje posso devolve-lo com minha assinatura, obrigando-me a uma só acção devido á minha escassez de azeite...

Feliz foi a ideia de meus amigos da *Lanterna* em querer tornar a sua publicação cotidiana; mas: ainda acho pouco quasi que está precisando de uma *Lanterna* para cada padre...

São Sebastião dos Correntes (Minas), 7 de abril de 1913.

Americo Alves Barroso.

⁂

Em particular envio-lhe sinceros parabens e faço votos para que a *Lanterna* se edite diariamente.

Benedicto F. Barreiros.

Pirajú, março de 1913.

Contra o militarismo

O CONGRESSO SOCIALISTA DEMOCRATICO DE BREST

Os jornais da Europa trazem-nos noticias deste congresso, cujos principais debates e decisões se referiram à luta contra as leis militares, os armamentos e a guerra.

Jaurés não pôde comparecer por estar obrigado a tratar em Paris de importantes assuntos politicos. Marcel Sembat e Guesde não foram por se encontrarem doentes. Entretanto encontraram-se ali figuras prestigiosas como Presencé, notavel publicista; Eduardo Vaillant, o venerando continuador da obra de Blanqui, e Hervé. Sobre a questão do serviço militar de 3 anos e a guerra, Compère-Morel apresentou uma ordem do dia com a seguinte conclusão:

«O Congresso felicita-se pela acção comum dos partidos socialistas alemão e francês e solidariza-se plenamente com os socialistas da Alsacia-Lorena que, traduzindo os votos dos seus concidadãos, afirmaram não querer por fórma alguma uma *rêvanche* e dá mandato ao grupo socialista parlamentar e á comissão administrativa permanente para provocar no parlamento e no país uma acção resoluta e energica para se conseguir a *entente* franco-alemã, a arbitragem internacional, as milicias nacionais e combater a lei dos tres anos».

Vaillant, o decano do partido, substitue Compère-Morel na tribuna. Com uma voz tranquila, serena como um murmúrio, declara que nunca foi fornecida arma de combate como este projecto da lei de tres anos. Os socialistas travarão nma luta sem treguas contra os que cometerem o crime de votar a lei e os seus creditos, provocando a guerra. Se queremos garantir a paz só temos um processo: realizar a aproximação franco-alemã, porque não ha garantias efectivas de paz enquanto a Alemanha e a França estiverem em armas uma contra a outra.

Gustavo Hervé apresenta uma moção que, na sua opinião, completa a de Compère-Morel. Pede que o grupo parlamentar socialista convide o governo francês a entabolar negociações com o governo alemão, negociações baseadas sobre o abandono de qualquer ideia de guerra de *revanche*, com a condição da Alemanha dar autonomia republicana á Alsacia. Queiram ou não queiram, exclama Hervé, a lei dos tres anos e o projecto dos armamentos estão intimamente ligados ao caso da Alsacia-Lorena. O grande erro dos partidos politicos é não ter a coragem de o confessar francamente:

«Já preconizei, continua o notavel agitador, o sistema seguinte: a Alsacia, de raça alemã, devia ficar alemã, recebendo a sua autonomia; a Lorena, de natureza francesa, devia tornar-se francesa. Mas depois surgiu um facto novo. A Alsacia-Lorena, pela declaração dos socialistas, disse que não queria uma guerra de *revanche*, do que pagaria as despesas; pelas declarações dos representantes de outras opiniões, disse que só reclamava a autonomia. Pois bem! Os deputados socialistas que convidem o governo francês a propor á Alemanha essa autonomia da Alsacia-Lorena, seguida imediatamente do limite dos armamentos».

— E se a Alemanha recusa? diz o orador.

— Se o Kaiser recusar!... Não sou um nacionalista, embora se diga que me tornei reaccionario, mas se a França aceitar a arbitragem e o desarmamento e se a Alemanha os repudiar, em caso de conflito, considerarei agressor o país que não quizer manter esses principios e sei o que tenho a fazer.

De Pressencé fez justamente notar que, por esse sistema, se justificaria a guerra, se esta viesse a ser o resultado de tão fantasistas negociações!

Quando se voltou ao assunto, de Pressencé, num lúcido discurso, refutou completamente as perigosas fantasias de Hervé, cujo antimilitarismo revolucionário está bem decadente:

«Estamos profundamente satisfeitos por ver que a Alsacia põe agora o seu ideal na sua autonomia, mas não é a nós que cabe impor essa autonomia. Correriamos o risco de desviar a campanha que sustentamos contra os armamentos e de trabalhar pelas ideias de desforra dos nacionalistas.»

Por fim foi unanimemente adotada a moção Compère-Morel, que está de acôrdo com as ideias do partido e é sensata, embora não revolucionária.

O povo contra o regimen da fome

O governo protege os exploradores e manda a policia impedir pela violencia os comicios para que o povo não proteste contra a carestia da vida! — Estamos em pleno rgimen de estado de sitio — A agitação, porêm, não cessarà.

Com a agitação popular contra a carestia da vida foi ainda uma vez posto bem em foco o espirito profundamente reaccionario que anima os homens da oligarquia paulista.

Obcecados por uma estreita mentalidade, forjada no cadinho onde se caldeavam todas as miserias e opressões do negro regimen das cenzalas, não podem conceber esses antigos senhores do tronco e do bacalhau senão como uma atrevida ousadia pretender o povo conquistar outras regalias que não sejam aquelas por eles concedidas aos escravos nas fazendas.

Anquilosados pelo acanhado criterio da época nefanda em que á vontade do fazendeiro cingiam-se as leis e as autoridades todas, julgam-se eles, conluiados agora na incensada e dinheirosa satrapia que domina este Estado, no direito de, calcando ostensivamente aos pés a decantada lei basica do paiz, privar o povo do goso dos mais comezinhos direitos sociais.

E a prova cabal, categorica dessa nossa asserção teve-a a população desta cidade no vergonhoso espetaculo oferecido pela policia com as violencias inqualificaveis praticadas por ordem do sátrapa-mor desta feitoria com o baixo intuito de abafar o movimento de protesto do povo esfomeado contra os condecorados ladrões que, sob a proteção da lei, formam as grandes empresas açambarcadoras.

Acossado por privações de toda a especie, apertado pela escassez sempre crescente, sentindo já proximo a miseria extrema, o povo desta capital, o povo que não gosa dos favores dos cofres publicos, o povo que vive unicamente do produto do seu trabalho diuturno e util para a colectividade resolveu buscar, com o proprio esforço, uma solução para esse desesperador estado de coisas.

Nada podendo esperar desses que, dizendo-se seus representantes, estão por aí, agarrados, como ostras ao rochedo, ás sinecuras do Congresso, da Camara Municipal, o povo saíu para a praça publica com o intuito de clamar por justiça, de exigir mais um pouco do bem-estar a que faz jus com o seu trabalho constante e produtivo.

Usando de um direito inconcusso, praticado e reconhecido em todos os paises civilizados, o povo lançava mão de um recurso consignado e amplamente garantido pela constituição do paiz.

E tendo á frente uma instituição para esse fim fundada ha um ano em uma grande reunião publica, o povo andou pelas ruas, por todos os recantos da cidade, a realizar os seus comicios de protesto, expondo as suas condições de miserias e reclamando as melhoras indispensaveis de que carece.

Tudo corria na melhor ordem, não se tendo registado nos dezeseis meetings realizados o menor incidente.

Nada de anormal ocorria, mas os comicios iam-se sucedendo cada vez mais numerosos e com maior animação. O povo que até aqui se contentava em lamentar cristãmente a sua triste situação, de dia para dia demonstrava a sua simpatia pela agitação e a ela ia prestando o seu concurso. A campanha contra os ladrões do produto do esforço alheio já prometia ganhar proporções grandiosas.

Dos fundos dos arrabaldes onde vive o povo encurralado pelas ruas faltas de limpeza e de qualquer higiene, tendia o movimento a ganhar o centro luxuoso e bem tratado.

Atendendo ao convite de uma instituição da capital da Republica preparou-se um grande comicio para o largo S. Francisco no mesmo dia em que pelos grandes centros do paiz outros seriam realizados com o mesmo fim.

Anciosa era a espectativa, esperando-se que a grande assembleia popular tivesse uma imponencia ainda não verificada em S. Paulo.

Tanto bastou para que os patricios desta moderna Roma se sentissem perturbados nos seus fartos festins e murmurassem:

"Como? Neste centro de riquezas, onde grandes palacetes dominam a cidade do alto das ricas avenidas, onde as fortunas já vão atingindo proporções fabulosas, onde se constroem teatros e catedrais de milhares de contos o povo se atreve a pretender apregoar miserias em pleno centro, por onde perambulam os touristas encarregados de ir espalhar as nossas grandezas lá por fóra?!

"Privações e miserias em S. Paulo?! Póde passar mal o povo que sustenta algumas duzias de deputados a 60$ por dia, um exercito policial de muitos milhares de soldados, instruidos por uma missão francesa fartamente paga?!

"Pode lá ser! A agitação é obra de meia duzia de eternos descontentes e não do nosso povo paciente, ordeiro, trabalhador e honrado."

E o comicio foi proibido. O Secretario da Segurança Publica chamou á policia dois dos membros do comité promotor e comunicou-lhes essa resolução do governo.

Podiam continuar a ser realizados os comicios pelos arrabaldes, mas no centro não. Não podia ser permitida uma tal demonstração em uma capital como a nossa.

Assim falou o chefe da policia em nome do governo.

E ordens severas foram dadas. De prontidão ficou toda a força. A cidade foi transformada em uma praça militar. Todos os pontos indicados para as reuniões foram ocupados pela policia, que dissolveu o povo á força, maltratando e prendendo quem protestasse contra tal violencia.

O Secretario da Segurança Publica faltou indecorosamente á sua palavra. Até os comicios dos arrabaldes foram proibidos.

No centro, o povo, tentando realizar o comicio em um outro ponto, foi brutalmente atacado pela cavalaria.

Marcou se um novo comicio para tres dias depois e a policia repetiu ainda com mais aparato a sua ostentação de força. Prometia-se cometer todas as violencias.

E foi assim que o governo desse conselheiro escravocrata, resto da monarquia rançosa tentou abafar a agitação com que o povo protestava contra o dominio da exploração dos grandes argentarios, enriquecidos, com a proteção dos dominantes, á custa de negociatas aladroadas.

Enquanto o povo se manteve com a sua agitação pelos extremos da cidade, quizeram eles aparentar certa tolerancia; porêm, quando se pretendeu vir até o centro, usando de um direito constitucional, dizer da nossa justiça, fizeram girar as rotativas dos seus diarios para que, com a calunia vil, rasteira, nojenta se desprestigiasse a nossa obra justissima.

Negaram escandalosamente os intuitos da agitação, caluniaram de uma maneira baixa os que, sacrificando o seu socego, ponde em perigo a sua liberdade, se dedicaram ao trabalho esfalfante dessa agitação.

Lançaram mão de todos os meios, mentindo descaradamente, para que as suas violencias encontrassem justificação na opinião publica.

E é dessa forma, proibindo comicios, prendendo, atacando os manifestantes á pata de cavalo, que os senhores da governança respondem aos reclamos do povo!

Nós não estranhamos. Estão no seu papel defendendo os interesses da sua camorra. Estando em perigo os interesses dos senhores, correm em seu auxilio. E' a solidariedade da classe dos exploradores para a garantia do seu dominio.

Estão no seu papel defendendo os interesses da sua camarilha.

Faça o povo o mesmo para a defesa dos seus direitos, por eles espesinhados. Una-se, associe-se, prepare-se devidamente e depois enfrente com decisão, com coragem os ladrões do seu suor, que, além de o roubar por todas as formas, ainda o ataca na praça publica com os soldados pagos com o seu dinheiro!

Os acontecimentos

Tivessemos com o nosso diario na rua e suficientemente poderiamos informar os nossos leitores do que houve e estigmatizar com efeito a obra de tirania dos opressores do povo.

Temos entretanto de nos contentar com um simples apanhado.

A policia proibiu e empediu pela força a realização de todos os comicios anunciados para domingo, e que prometiam ter uma concorrencia enorme.

No centro e nos arrabaldes notou-se um movimento extraordinario. No Braz, principalmente, a concorrencia foi grande.

O povo que foi empedido de se reunir no largo de S. Francisco, juntou-se na praça dr. João Mendes e de lá, gritando contra os exploradores dos trusts, desceu em coluna até ao largo da Sé. Aí foi improvisado um comicio. Alguns dos membros do comité, que chegavam então do Braz, ali compareceram, usando Edgard Leuenroth da palavra junto dos destroços da igreja da Sé.

Dentro em pouco porêm, compareceu uma força de cavalaria, que caiu brutalmente sobre o povo, impedindo a continuação do meeting.

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida, não desistindo da agitação concovou um outro comicio para quarta-feira, no largo de S. Francisco.

A policia repetiu as suas violencias. O centro da cidade foi tomado militarmente. Mesmo assim muito povo compareceu pelas imediações do largo, chegando a tentar a reunião na rua Quintino Bocaiuva sendo atacado pela cavalaria.

E... viva a Re-publica!...

O movimento continuará

Apesar de todas essas violencias, a Liga prosseguirá na sua agitação. Dentro de poucos dias aparecerá um seu manifesto, no qual serão devidamente rebatidas todas as calunias contra ela levantadas pela imprensa mercenaria ao serviço da policia e dos endinheirados.

Agitação dos inquilinos

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida vai agora dedicar-se mais directamente dá agitação dos inquilinos, preparando o movimento para conseguir o rebaixamento dos alugueis de casa.

Com esse fim será publicado um boletim.

ADOLFO VASQUEZ GOMEZ

Na quarta-feira á noite realizou Vazquez Gomez a sua segunda conferencia no Salão Germania, com uma concorrencia bastante mais numerosa que a da primeira.

Serviu-lhe de tema — *A influencia da mulher no futuro da humanidade*, que o apreciado conferencista desenvolveu com verdadeira maestria, deixando uma excelente impressão em todos que a assistiram.

Como já noticiámos, Vazquez Gomez vai a diversas cidades do interior, devendo em 1º. de maio realizar uma conferencia em Bragança, que terá por tema — *O actual movimento ideologico*.

Sciencia e superstição

De natureza bem diversa da das formas de crença scientifica são essas concepções que, nas diversas religiões, servem para explicar os fenomenos e que se designam simplesmente com o nome de crenças, sentido restricto da palavra. Como é frequente confundir essas duas formas de "crença natural" da sciencia e de "crença sobrenatural" da religião, resultando daí certa obscuridade, é util e mesmo necessario pôr bem em destaque a sua oposição radical. A crença religiosa é sempre uma crença no milagre, e como tal, está em irremediavel contradição com a crença natural da razão. Em oposição á crença racional, a crença religiosa afirma a existencia de factos sobrenaturais e pode denominar-se sobrecrença, hipercrença, forma original da palavra *superstição*. A diferença essencial entre esta superstição e a crença racional consiste em que a primeira admite forças e fenomenos sobrenaturais, que a sciencia não conhece nem admite, ás quais deram nascimento percepções falsas e invenções erroneas da fantasia poetica. A superstição está, pois, em contradição com as leis naturais claramente reconhecidas e portanto é irracional.

E. Haeckel.

JOSEPH JUBERT

AS AUTORIDADES NADA DIZEM SOBRE O SEU PARADEIRO.

Mesquinhos, relesmente mesquinhos são esses tipos que se encontram na governança desta nojenta satrapia. Para saciarem a sua torpe sêde de vingança contra os elementos que lhes perturbam a giboiesca digestão, descem ao mais rasteiro nivel da degradação moral, servindo-se de todos os meios, por mais indecorosos que sejam.

Como aqui já dissemos, para satisfazer os desejos dos caciques da politicagem de Sorocaba, Joseph Jubert foi condenado pelo Tribunal de Justiça, que reformou a sentença do juiz daquela cidade. No dia 15 do corrente chegou ele preso a esta capital, tendo sido presenciado por muita gente o seu embarque em Sorocaba, assim como o seu desembarque em S. Paulo.

Pois apesar disso as autoridades se teem negado a indicar aos seus amigos e á sua familia onde se encontra a vitima da torpe perseguição!

Sendo sobejamente conhecidos os habitos deshumanos da policia, que obriga os presos a dormirem no chão, sem agasalho algum, dando-lhes (quando dá) uma comida detestavel, quizeram os amigos de Jubert fornecer-lhe alguma roupa e a alimentação devida, indo uma pessoa com esse fim á Central. Depois de andar de Herodes para Pilatos, tomando informações de sala em sala e até do carcereiro, obteve como resposta a afirmação de que não constava a prisão do nosso companheiro.

No domingo passado fomos á Cadeia Publica onde nos disseram que ele lá não se encontrava.

Nesse mesmo dia a companheira de Jubert veiu de Sorocaba com o intuito de visita-lo. Foi á Cadeia Publica, onde lhe disseram que ele deveria estar na Penitenciaria. Tambem lá não lhe forneceram informação alguma.

E a pobre moça teve de regressar para Sorocaba sem lhe ser dado visitar o seu querido companheiro, não conseguindo nem sequer saber do seu paradeiro!

Como são pequeninos de sentimentos esses individuos que por aí estão a dominar esta choldra!

Mostram bem que são genuinos discipulos de Loyola e bons membros das sagradas irmandades religiosas.

O director da Penitenciaria, por exemplo, é aquela gigantesca e mascula personalidade dr. Pinheiro e Prado, aquele mesmo ilustre Pinheirinho que, como 1.º delegado, forjou o famoso inquerito sobre o caso Idalina, fazendo aparecer a pobre orfã na pessoa de Maria Madalena, a infeliz protagonista da mistificação inesquecivel.

Que se póde esperar, pois, de tal gente, dessa jesuitada manhosa que domina inteira este Estado, desde as esferas oficiais até á imprensa de balcão?

Tipos acabados de inquisidores, só se poderão mostrar como tais. Seria absurdo esperar deles outro procedimento.

Onde se encontra Jubert? Na Central, no porão de algum posto policial, na Cadeia Publica ou na Penitenciaria? Porque negam informações sobre o seu paradeiro até á sua familia, vinda de fóra da capital para visita-lo?

Segundo informação do proprio orgão oficial, na Penitenciaria não havia vaga; para onde o levaram, então?

Veremos. Entretanto registemos: nos paizes que se julgam civilizados, os presos por delitos politicos e de imprensa teem prisões á parte, enquanto que aqui, neste adiantadissimo Estado, chegam a negar informações sobre o seu paradeiro!

A Escola de submissão

O sr. Bally, engenheiro das oficinas, dava ordem formal ao padre Heyndrickx:

"Queira tomar as suas disposições para nos enviar vinte caldeireiros, dez marceneiros, doze montadores.

"Seu muito dedicado."

O padre da secção teria direito ao boné dourado de inspector, mas contentava-se com as viagens gratis em 1.ª classe e uma gratificação anual. O sr. Bally devia o seu alto lugar a ele e á sra. Delmotte, esposa do seu antecessor. Esta perturbara os oficios divinos com palavras de desabafo para o seu despeito de ceder á sra. Ipp a sua função de organizadora do comboio anual de peregrinos para Lourdes.

Contra as suas implorações agastadas, o padre reclamou á Companhia, que, sem exigir ao reverendo as razões para assim mudar a sua rã de pia benta, ajudou-o nisso, transferindo o sr. Delmotte.

O sr. Griaux ousava temer que fosse ilusoria a segurança do recrutamento paroquial:

— E isso não dá garantia alguma de capacidade...

O sr. Bally, dez anos mais antigo na Companhia, rectificava essas ideias erroneas:

— O sr. padre Heyndrickx trata de nos dar bons operarios. Tira-os até do pessoal da Sociedade de construções, o que irrita um pouco esses senhores, aos quais nós proíbimos que nos tirassem os nossos. E dá-nos bons espiritos. Se fizeram todos greve, isso prova que era talvez necessario conceder-lhes o que eles pediam; mas não é a nós que cabe discutir isso. O arrastamento dos elementos do padre Heyndrickx pelos elementos revolucionarios prova que não era bastante o nosso pessoal catolico. Temos de o reforçar.

"Pense que o caminho de ferro, como o exercito, quer a absoluta disciplina. O exercito estabelece-a pela força sobre espiritos que ele não escolhe. Quanto a nós, sendo-nos infelizmente vedada essa coacção, temos que fazer escolha dos doceis. E onde ha mais perfeita escola de submissão do que a Igreja catolica? De um ao outro extremo da sua jerarquia, a obrigação é obedecer: o fiel ao paroco, o paroco ao bispo, o bispo ao Papa, o Papa infalivel só a Deus. Transporte essa disciplina para a companhia ferro-viaria e tem a organização ideal.

"Não se trata aqui, note bem, de crenças, de fé neste ou naquele dogma. Isso não tem importancia alguma. Só nos preocupa a filosofia da religião catolica; porque essa filosofia é: "Obedecei, obedecei!"

"Desgraçadamente, o sr. padre Heyndrickx já não pode fornecer o numero de homens doceis suficiente para as nossas necessidades. Esta diminuição de produção, da parte do clero, priva as grandes industrias, as grandes administrações, da multidão de homens contentes com a sua sorte por fé. Sem isso nada se mantêm de pé. Acabamos de o ver."

(Do romance *Le Rail*).

Pedro Hamp.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Quinta-feira, 1.º de Maio, será comemorada a grande data do trabalho com uma sessão de propaganda e solidariedade com as classes trabalhadoras, á qual ela se acha ligada na obra de redenção pelos laços da mais intima fraternidade.

A sua séde achar-se-á franqueada a todas as pessoas que á mesma queiram assistir.

A sessão começará ás 8 horas da noite.

Rua Marechal Floriano Peixoto n. 118.

A "Lanterna" em Pirajú

Em primeiro lugar felicito a essa redacção pelo breve aparecimento diario da *Lanterna*, orgão que tanto se tem batido em pról da Verdade e da Justiça.

Vou dar uma boa noticia desta futurosa terra:

Saiu desta cidade, com destino á Italia, o padre Gioia, que aqui morava ha muito tempo, exercendo o cargo de vigario da paroquia.

Metido desde ha tempo na politica, o padre Gioia ficou muito mal-visto por quasi toda a população, exceto de alguns carolas e chefes politicos, que o faziam de manivela.

Segundo boato que corre, o vigario Gioia foi á Italia com tenções de se casar, pois aqui já *cavou* muito dinheiro, e cansado de ser falado, resolveu dar cabo da sua saia preta. Seria bem bom que outros desses ministros de Deus ou ministros do dinheiro fizessem o mesmo, para livrar o povo da sua cavação...

O padre Gioia foi até empreiteiro de obras, foi promotor de festas politicas, e exercia o cargo de representante de Deus... na terra de Pirajú...

Deseja o nosso povo, isto é, a maioria, os que não são idiotas e não são carolas, que bons ventos o levem e que tão cedo não volte...

No municipio da Fartura, segundo contam, foi ha dias á igreja um caipira com o intuito de batizar uma criança. Chegou e falou com o padre se podia fazer o batizado que ele pagaria depois, visto estar *ariado* naquele dia... O padre respondeu que o batizado era preciso ser pago na ocasião de efetuado, ao contrario não seria aceito por Deus...

O caipira, que acreditava em padre, saiu a pedir esmola para pagar ao ladino padre.

Um correspondente

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

França

O ANTIMILITARISMO NO TRIBUNAL — Por ocasião do conflito austro-russo, quando a guerra impendia (impende ainda) sobre a Europa, os revolucionarios viram que era a hora de falar claro e alto. O *Mouvement anarchiste* distinguiu-se no arrojo, e por isso dois redactores seus, Lecoin e Ruff, foram processados pelas «leis sceleradas» e condenados a 5 anos de prisão e 3 mil francos de multa cada um!

O processo foi uma bela sessão de propaganda. As testemunhas, Pierre Martin, Dumoulin e Jacquemin, esplicaram a necessidade das palavras corajosas e decisivas em certos momentos: contra o guerra, forçoso é recorrer a todos os extremos — de palavras primeiro, de actos depois. E esses extremos não foram empregados só pelos anarquistas, mas pela C. G. T. e pelo partido social-democratico (moção Keir Hardie-Vaillant, por exemplo). A greve geral e a insurreição contra a guerra foram preconizadas por todos. Do seu lado, os acusados justificaram altamente a sua conduta.

Depois da sua condenação, Ruff foi ignobilmente brutalizado pela policia, em presença do proprio Guichard, o mesmo bruto que maltratou Gauzy e lhe injuriou obscenamente a mulher. Manietado, Ruff foi precipitado por uma escada e pisado aos pés. Os selvagens policiais puzeram-lhe a cara a escorrer sangue, torceram-lhe os testiculos (como em Montjuich!) e, como ele desmaiou, bateram-lhe com a cabeça no corrimão, para o despertar! A esposa de Ruff, que protestava, foi espancada e baixamente insultada. Eis a policia.

CONTRA A GUERRA — Estava em Paris o socialista alemão Karl Liebknecht, herdeiro de um nome glorioso, o de Guilherme Liebknecht, fundador do poderoso partido socialista e companheiro de Marx. O ilustre propagandista foi prègar contra a guerra e afirmar a solidariedade de todos os trabalhadores.

A conferencia realizou-se no Club Socialista Alemão, presidindo Otto Pohl.

Entusiasticamente aclamado, Karl Liebknecht, depois de analizar largamente a origem capitalista do imperialismo moderno, insistiu no facto de em todos os paizes as classes dirigentes fazerem vibrar a nota nacionalista no momento em que os antagonismos internos começam a tornar-se ameaçadores.

Na Allemanha esses antagonismos são muito importantes, devidos á contradição violenta entre as aspirações da massa popular e o regime reacionario.

Este ano, por ocasião do centenario da guerra da independencia, o góverno e as classes dirigentes procuraram exaltar o espirito nacional em proveito do militarismo. Ocupando-se dos armamentos atuais refuta os motivos invocados a favor da lei militar alemã e acrescenta:

«A Alemanha não alimenta intensões agressivas. Está saturada de conquistas. A guerra é na Alemanha extremamente impopular. Só pode haver perigo de guerra por considerações da politica interna. Mas esse perigo deve ser conjurado pelo proletariado alemão de acôrdo com o proletariado francez, o proletariado inglez e os proletarios dos restantes paizes. Se o proletariado ainda é impotente para deter a loucura militarista, é já bastante forte para exercer uma influencia decisiva sobre os acontecimentos — para impedir uma guerra fratricida. O proletariado é o inimigo mortal do militarismo, e ele é o arbitro, porquanto o exercito é composto em grande parte pelos proletarios conscientes. A' medida que aumenta a força do proletariado, o militarismo torna-se impotente para fazer a guerra, tanto no exterior como no interior. Nós, socialistas alemães, combatemos o chauvinismo com todas as nossas forças. Proclamamos bem alto que a Alemanha possue um proletariado poderoso, animado pela vontade na paz e decidido a reparar todos os erros cometidos pelas classes dirigentes.»

O orador termina o seu discurso com um vibrante apelo ao dever internacional de travar uma grande luta contra o capitalismo e o militarismo, pela paz, pela liberdade e pela felicidade humana. Karl Liebknecht foi delirantemente aplaudido.

Inglaterra

CAUTELA! — A *Travellers aid Society*, 3 Baker Street, Londres, unida ás associações protetoras da mulher e da donzela, espalhou o seguinte aviso:

«As donzelas não devem nunca seguir uma estranha, embora vestida de irmã de caridade, e ainda menos acreditar nas suas palavras, se ela falar de acidentes e desgraças subitamente sucedidas numa familia, pois é esse o meio habitualmente empregado para atrair e raptar donzelas.

«De modo nenhum devem as donzelas escutar as solicitações de pessoa desconhecida para assistirem a escolas, reuniões dominicais, ou estudos biblicos, ainda que a isso sejam convidadas por pessoas que tragam habito de *diaconiza*, de *religiosa*, ou outras funções desse genero.»

O sentimento religioso é boa isca.

VITORIA GREVISTA — A Companhia do Caminho de Ferro de Midland confirmou o oferecimento de retomar ao seu serviço o chefe de comboio Richardson, que fora despedido. A referida companhia reconheceu que os seus empregados podem ser vitimas de injustiças, desde que procedam por ordens verbais. Com o desejo de impedir essas injustiças, o regulamento vai ser redigido por forma mais clara.

NOS ARSENAIS — Os operarios mecanicos empregados no arsenal de Devonport recusaram-se ha pouco a fazer horas suplementares, reclamando aumento de salarios. Esses operarios discutem actualmente com os seus colegas de Chatam e de Portsmouth uma proposta de greve nacional, que seria declarada no caso do amirantado se recusar a pagar os aumentos.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Liga Anticlerical do Rio.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

1.º de Maio

Esta grande data proletaria será aqui este ano devidamente comemorada.

A União dos Canteiros realizará nesse dia, ás 9 horas da manhã, uma grande reunião de propaganda no Salão Celso Garcia, á rua do Carmo. Falarão diversos companheiros sobre a data e luta proletaria.

Os associados da União dos Canteiros sairão encorporados, ás 7 horas da manhã, do largo do Riachuelo, trazendo á frente sua bandeira e uma banda de musica, para percorrer o triangulo central antes de vir para o Salão.

— Promovida pelos sindicatos operarios, ás 7 horas da noite realizar-se-á uma outra grande reunião de propaganda, no Salão Alhambra, á rua Marechal Deodoro, 2.

Greve de tecelões — Como sempre, a imprensa tem faltado vergonhosamente á verdade com as suas noticias sobre o movimento dos operarios da fabrica de tecidos de Nemi Jafet, situada no Ipiranga.

Eis, em resumo, o que se deu:

Em consequencia de continuados protestos, o patrão dessa fabrica resolveu suprimir a turma de menores á noite, na qual eram ocupadas crianças até de 8 anos, ganhando de 400 a 600 réis pelo trabalho de 6 horas da tarde ás 6 da manhã!

Foram as crianças passadas para o trabalho do dia, mas o ganancioso explorador pretendeu reduzir ainda mais os seus já miserrimos salarios.

Os meninos protestaram e, no dia 21, recusaram-se a entrar para a fabrica. O patrão, provavelmente membro de alguma associação de proteção á infancia, saiu á rua e tentou agredi-los á revolver. Varios operarios, indignados ante tal procedimento, puzeram-se ao lado dos meninos.

No dia 22, ao meio-dia, quando os operarios voltavam do almoço encontraram a fabrica cercada pela policia, que não lhes permitiu a entrada, fazendo ostentação das suas armas modernas, chegando até a mostrar as balas que para eles se destinavam.

O patrão havia fechado a fabrica para obrigar os pequenos a voltarem ao trabalho em peiores condições. Em vista disso todos os operarios resolveram exigir as melhoras de que necessitam: 20 % de aumento nos seus salarios e redução do horario de trabalho de 11 para 10 horas.

A policia do democratissimo Estado «onde a carestia da vida só existe na exploração dos agitadores», mostrou mais uma vez o valor da sua instrução.

O operario tecelão Francisco Trubillano Garcia foi brutalmente agredido pelos soldados, recebendo duas chanfradas. No dia 24 tres operarias foram presas e estupidamente maltratadas. Um pobre velho que protestou contra a agressão aos pequenos teve igual sorte.

E digam que não estamos num Estado hipercivilizado! E a imprensa? Essa está no seu papel de lacaia dos exploradores.

O HOMEM

IV

Os primeiros habitantes da Europa ocidental tinham o craneo pequeno e alongado, as arcadas superciliares muito volumosas; eram pouco altos e andavam (segundo os anatomistas que teem estudado os seus membros inferiores) com as pernas ligeiramente dobradas. As armas e os utensilios encontrados em Saint-Acheul (Somme), Chelles e em Moustier eram de pedra grosseiramente talhada. Este tipo de homens ocupou o primeiro periodo quartenario.

A esta raça sucedeu a de Laugerie, Reymondiu, Chacelade, Cromagnon, Tayac (Dordogne), Sardes (Landes), que tem por caracteristica as arcadas superciliares menos desenvolvidas, o queixo menos saliente, e a fronte mais elevada; o craneo é porêm alongado e a altura pequena.

Estas duas raças desconheciam a agricultura e só viviam da pesca; as armas e os utensilios consistiam em pedras e ossos talhados. (E' sobre estes fósseis que se notam as primeiras gravuras sobre paus, ossos de auroque, e cornos de renas).

Chegou emfim a idade da pedra polida; os homens desta epoca introduzem a agricultura, os animaes domesticos, a ceramica, o arco, o machado de pedra polida, e começam a sepultar os mortos, o que não fazem os de Neanderthal e de Laugerie.

Estes homens tinham o craneo arredondado. Os que os precederam foram homens da mesma raça, que introduziram o conhecimento dos metais e a incineração dos mortos. Estes homens, que eram mais altos que os precedentes, parecem ter pertencido a uma raça guerreira, pois as suas armas eram de ferro e parecem ter sido dos antepassados Celtas e dos Gallos.

A raça humana entra no periodo historico desde esta epoca, e segue uma evolução regular para a civilização moderna e para o industrialismo.

C. Novel.

O clericalismo no Canadá

Um canadiano francez escreveu á *Libre Pensée internationale* uma carta, cujas passagens publicadas traduzimos para edificação dos brasileiros sobre o futuro que os espera, se não souberem reagir a tempo:

"Este paiz está podre de clericalismo. Aqui tudo treme ante o poder dos sotainas: funcionarios e juizes, comerciantes e operarios, ninguem se sente ao abrigo dos padres. Estes estão em toda a parte: espionam, denunciam, penetram nos lares, lêem as cartas, dispõem dos empregos, não ha trabalho sem uma recomendação do paroco, e sendo preciso fazem desaparecer os adversarios. Ninguem ou quasi ninguem lhes resiste. Os politicos não ousam ataca-los. Só alguns livres pensadores lhes fazem frente — mas a custo de sacrificios inauditos: a sua menor vitoria custa-lhes a ruina da sua vida de familia, o exilio, a miseria negra. Não admira que poucas pessoas queiram entregar-se á propaganda racionalista.

"Felizmente, esse nucleo de livres pensadores convictos trabalha com a maior actividade e desinteresse: todas as suas horas de ocio são consagradas á propaganda; procura-se atingir a opinião publica com jornais, circulares, brochuras. Um jornal liberal, *Le Pays*, favorece bastante as nossas ideias e a sua campanha de educação tem feito algum bem. Toda a imprensa restante obedece aos poderes eclesiasticos.

"E' até dificil mandar vir de França obras scientificas. Corre-se o risco de as ver detidas na alfandega canadiana, sendo suspeito tudo o que vem de França. E' pois melhor fazer passar os pacotes de livros pelos Estados Unidos. Ainda outro dia, foram retidas num porto do Canadá obras de Anatole France.

"Isso não obsta a que os jornais clericais gabem o livre desenvolvimento intelectual da provincia de Quebec: gabam-lhe tambem o progresso social. Entretanto, depois da Russia, é nela que ha mais analfabetos, tuberculosos, miseraveis, o maior numero de nascimentos ao lado da mais elevada mortalidade infantil.

"O canadiano francez não é por certo inferior a outras raças, ou antes só o é pelo facto da sua religião, a infame religião que nele mata todo o movimento intelectual, todo o estudo serio, todo o esforço, toda a energia. Por isso não é de admirar que nas mãos dos ingleses estejam todos os negocios. Por isso, estes são bem alojados, alimentados e desenvolvidos, ao passo que os canadianos franceses moram em cabanas onde se amontoam grandes ninhadas de crianças e são os maiores compradores de pequenos esquifes.

"O paiz é salubre e rico. As suas florestas, os seus campos e as suas minas estão a pedir exploração, mas o canadiano tem medo dos processos modernos, como de todas as ideias novas. O pensamento não teologico parece-lhe um sacrilegio, assim como a arte plastica uma imoralidade e o teatro uma impureza."

Fanatismo religioso, clericalismo, intolerancia, miseria, embrutecimento, atraso social, costumam andar juntos, produzindo-se reciprocamente.

Secção amena

Um frade alegre encontra um amigo e diz-lhe familiarmente:

— Adeus, pedaço de asno.

— Adeus, asno menos um pedaço, retruca o outro.

— Qual é então o pedaço que me falta?...

— Ora! Aquele que acabas de me dar a mim...

Epitafio dum cardial:

Aqui jaz um cardial,
que fez mais mal do que bem:
o bem que fez, fê-lo mal;
o mal que fez, fê-lo bem.

SEMEAR, PARA COLHER

A TODOS OS AMIGOS DA "LANTERNA" LEMBRAMOS QUE, DEPOIS DE A LEREM É DA MAXIMA UTILIDADE NÃO A DESTRUIREM. OS QUE NÃO A GUARDAREM, PARA COLECIONAR, DEVEM DÁ-LA A OUTRA PESSOA, LÊ-LA AOS QUE NÃO SABEM LER, DEIXÁ-LA NAS FABRICAS, NAS OBRAS, NAS OFICINAS, NOS BARBEIROS, NOS CAFÉS, NOS RESTAURANTES, NOS JARDINS, NOS CARROS, NOS TRENS NAS BARCAS, ETC., EM TODA A PARTE, ENFIM, ONDE POSSA SER LIDA POR OUTROS. ESPALHAR É SEMEAR, É TORNÁ-LA CONHECIDO, É FAZER DELA A PROPAGANDA, É CONQUISTAR NOVOS ADEPTOS PARA A NOSSA OBRA.

TAMBEM TODOS DEVEM ARRANJAR NOVOS ASSINANTES E DESENVOLVER A VENDA AVULSA, AFIM DE QUE POSSA PROPAGAR MAIS LARGAMENTE A OBRA EM QUE TODOS ANDAMOS EMPENHADOS.

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO RIO

Grupo Dramatico Anticlerical — Reune-se amanhã, 27 do corrente, ás 7 horas da noite, para tratar de assuntos urgentes.

Pede-se o comparecimento de todos os companheiros.

Grupo Guerra Social — Para tratar de assunto da maxima importancia, são convidados todos os antigos companheiros componentes deste grupo a tomar parte na reunião que se realizará no dia 11 de maio, ás 3 horas da tarde, na rua General Camara, 335.

ACABA DE CHEGAR:

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa

A questão politica

A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

FESTA DE PROPAGANDA

EM S. PAULO

No dia 30 do corrente, ás 8 horas da noite, no Salão Celso Garcia, rua do Carmo, 39, terá lugar uma festa de propaganda, que constará do seguinte programa:

1.ª PARTE — *L'Ideale*, peça social em um acto, em verso, de Pedro Gori;

2.ª PARTE — *Sangue fecondo*, drama social em dois actos;

3.ª PARTE — *La piccola revolucionaria*, monologo;

4.ª PARTE — Grande quermesse;

5.ª PARTE — Baile familiar.

Aos nossos assinantes

Lembrem-se todos de que sem azeite a Lanterna *não poderá alumiar o que por aí vai...*

Avisamos aos nossos amigos da Linha Paulista que vão ser visitados pelo nosso companheiro viajante Abranches da Rocha, que se acha em viagem.

Na Capital

estamos procedendo á cobrança das assinaturas.

Pedimos aos nossos assinantes que não possam ser facilmente encontrados, deixarem em casa a importancia dos seus debitos, para nos poupar trabalho.

"NO PAIZ DOS FRADES"

Ainda nos restam algumas centenas de exemplares deste excelente romance que, depois de aparecer, com grande sucesso, em folhetim, na *Lanterna*, foi por nós reunido em proveitoso volume de 134 paginas.

Sobre o valor desse interessantissimo livro, como produção literaria e como obra de combate corajoso contra a obra nefasta do clericalismo, já bastante aqui e em outros jornais foi dito.

Com a publicação de *No paiz dos frades*, em que a chaga clerical é exposta com todas as suas podridões, lançou José Rizal a sua sentença de morte. Serviram-se dele os frades que infestavam as Filipinas para conseguirem da rialeza espanhola a ordem de fuzilamento do heroico tagalo.

E' um livro de delicada e sã literatura e de combate audaz ao clericalismo devastador, que merece ter uma larga divulgação.

E é por isso que resolvemos reduzir o seu preço para menos de metade, vendendo-o agora a 300 reis cada exemplar, na redacção, e 600 réis, registado pelo correio.

Para a compra em porção de mais do 20 exemplares fazemos ainda uma redução de 15 por cento.

As associações e grupos de propaganda farão boa obra divulgando *No paiz dos frades* entre os seus agremiados, contribuindo assim, tambem, para que, exgotada a sua edição, possamos editar um outro livro.

A "Lanterna" em Sete Lagoas
(MINAS)

Penosa tarefa esta de domesticar irracionais! Mas, que se ha-de fazer, são os ossos do oficio. Aqui estamos portanto para dar umas refreadelas nos entusiasmos fogosos do inconsciente tipo que, com um par de coices, atirou sobre o correspondente da *Lanterna* e sobre este jornal uma duzia de improperios e idiotices, por causa duma correspondencia, menos ofensiva por certo ás familias setelagoanas do que um sermão de s. revma. o conego Sansoni.

A correspondencia em questão não é senão um brado de alerta aos pais de umas inocentes donzelas que incautamente cairam numa esparrela armada pelo velhaco vigario contra as algibeiras dos crentes pacovios e contra o sossego e a honra dos lares honestos.

Os frutos que teem dado por toda a parte essas associações religiosas de moças, rotuladas com os exquisitos titulos de Apostolados e irmandades e pias-uniões dos Corações de Jesus e de Maria, teem sido bastante desastrosos. São muitissimos os exemplos, dentro de pouco espaço de tempo.

Só em Lage, na Baía, uma dessas imoralissimas «irmandades» causou nada menos de onze vitimas, imoladas no altar da lubricidade do padre Manoel Ciriaco de Oliveira.

Em S. Felix, tambem na Baía, o padre portuguez Serafim Geraldo da Silva, na sacristia da sua propria igreja, foi pilhado em flagrante quando explicava muito santamente a uma menor, pertencente á União das filhas de Maria, certos segredos escusos da religião.

Em Canguaretama, no Rio Grande do Norte, o padre Misael de Carvalho desvirginou uma senhorita «zeladora» duma associação de Filhas de Maria. (Se a «zeladora» soube tão pouco zelar por si, que não diremos das «zeladas» ?)

De duas uma. Essas duvidosas associações de moças solteiras fundadas e dirigidas pelos malevolos padres romanos só poderão levar as desprecavidas donzelas a dois caminhos, qual deles o pior: ou ao fanatismo excessivo e estupido e intolerante e desprezivel, que de uma flor inocente e pura faz uma vibora danada contra os adversarios da Igreja, cega a todos os sentimentos para só se tornar uma coisa sem dignidade nas mãos habeis do padre, um instrumento para os seus mais baixos caprichos — ou então ao trilho esquerdo que conduz ao charco dos vicios. Ambos os caminhos são para temer, e os pais deviam bem pensar e reflectir, antes de criminosamente entregar as suas belas e inocentes filhas — rebentos de seus corações, vida de sua vida, esperança fagueira do futuro — á direcção moral dum padreco, as mais das vezes coberto de mazelas morais!

Quem milhor do que um pai ou uma mãe poderia dirigir a sua filha pelo caminho recto do Bem? Dá até para pensar que aqueles pais que entregam ao padre a formação das almas de seus filhos se reconhecem incapazes ou indignos de tão bela missão...

Depois, o padre não está á altura de formador de almas justas e humanas. O padre é o escravo de Roma — e Roma não quer no mundo homens valorosos e conscientes e mulheres afectuosas e dignas, mães carinhosas e esposas desveladas. Roma quer o homem subserviente e cobarde e ignorante e a mulher intolerante e fanatica e hipocrita. Roma quer escravos. Para alcançar os seus fins miseraveis, a dominação economica e a dominação moral, a Igreja precisa matar nas consciencias os sentimentos de justiça, os sentimentos de humanidade, os sentimentos naturais e belos e caros, enfim, todas as lindas flores da alma humana. Precisa acobardar e humilhar o homem até ao ponto de faze-lo abdicar de sua dignidade propria, do seu caracter para entregar-se como uma coisa ductil nas cavilosas mãos do padre. Precisa dominar e fanatizar a mulher até ao ponto de fazê-la perder os seus sentimentos inatos de bondade e de meiguice e as afeições maternais e os deveres de esposa, transtornando-a numa megera beata que só cuida de rezar as contas e amaldiçoar os herejes, mesmo que esses sejam seus filhos e seu esposo; que só trata de ouvir missas e cantilenas de padres, deixando ao Deus-dará a casa e os filhos e o desgraçado do marido, que foi, ás vezes totalmente! substituido pelo padre.

Roma não pode formar senão almas desta especie. Do contrario trai a seus miseraveis fins, a dominação economica e a dominação moral. Sem a segunda não conseguirá a primeira.

Eis porque o padre, que é o sequaz do Papado, o agente perverso de seus malevolos intuitos, constitui um perigo para os modernos ideais de emancipação humana; eis porque ele procura apoderar-se dos corações jovens e sadios, pervertendo-os e humilhando-os. A Igreja é um sordido armazem de negocios e não um sanatorio de almas.

Qual é o alvo, pois, que visam essas perigosas associações religiosas de moças? Unicamente fanatizar, estupidificar, os cerebros amolgaveis das jovens, transtornando-as em automatos obedientes aos mais pequeninos gestos clericais.

Senão, que nos respondam os srs. carolas: Qual o fim altruistico e humanitario e pratico e util duma Irmandade do Coração de Jesus ou dum Apostolado de Filhas de Maria? Que é que fazem essas agremiações de irmãs e de filhas das altas personagens celestes?

A resposta é muito simples. Unicamente tratam de confessar-se quasi cotidianamente e de ouvir missas e fazer festas religiosas. As confissões fanatizam e pervertem. As festas e missas abastecem as algibeiras nunca demasiadamente cheias do sr. padre director...

Foi em consequencia de todas essas reflexões que um distinto moço desta terra das garças lançou o brado de alerta aos pais irreflectidos que estavam entregando as suas formosas e ingenuas filhas para instrumentos dos inconfessaveis designios do clero.

Continuaremos.

X. X.

Bilhetes e recados

Guaratinguetá — I. R.: Seguiu o folheto pedido. Saudações.

Rio — F. M.: Recebemos os 5$ para a subscrição voluntaria da folha. Seguiu o folheto. O jornal citado não permuta com o nosso. O Marechal ao lado do Arco-Verde? Isso é facto já corriqueiro. Todos os figurões desta engraçadissima republica tocam pela mesma gaita. Deus os fez e o diabo os ajuntou. Saudações.

Perdizes — M. C.: Seguiram o recibo da assinatura paga, o romance o n. desejado. Saudações.

Xiririca — J. M. de F. G.: Remetemos-lhe o recibo, que leva a indicação precisa do vencimento, e os 10 exemp. do *Catecismo ateu*. Publicaremos o artigo. Não ha de que desculpa-lo. Oxalá todos fossem assim escrupulosos. Saudações.

Piraquara — L. A.: Foi feita a transferencia. Saudações.

Jaboticabal — J. dos S. P.: Foram os folhetos e o n. perdido. Recebemos o seu compromisso de duas acções. Saudações.

Sertão de Minas — Z. Z.: Iremos receber a ordem e mandaremos o recibo. Saudações.

S. Carlos — J. M. de M.: Remetemos-lhe o romance. Saudações.

Rio — A. R.: O papel e a lista destinam-se á cobrança aí. Deverão ser entregues ao novo cobrador. Fará o favor de conserva-las. Diz o B. que vocês poderão determinar o preço do livro. Saúde!

Lapa — J. L.: Realmente o comp. não encontrou quem lhe indicasse a sua casa. Salud!

Paulista — Abranches: Recebido o cheque de Pirassununga e as listas todas. Realmente curiosa a tal autoridade. Entretanto devia lembrar-se que a *Lanterna* não tem os fundos dos outros jornais... Seguiram jornais para Jaboticabal. Saudações dos rapazes.

S. Paulo — B. D'O.: Vamos começar a fazer a arrecadação e daremos inicio a impressão da obra. Aguardavamos a remessa de alguns jornais que publicaram produções sua. Saudações.

Sorocaba — T. J.: Faremos por ele tudo quanto estiver em nós. Comunicar-lhe-emos tudo quanto houver. Ele tem energia bastante para voltar depois á luta contra a corja de casaca. Saudações.

S. Antonio do Pinhal — J. E. da F.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Bebedouro — A. A.: Seguiu o romance. Saudações.

Rio — Adrecal: E' necessario não deixar nunca precedentes perigosos aos pescadores de aguas turvas. O apelo continuará a sair. Saudações.

Casa Branca — P. A. de A.: Foi feita a transferencia. Saudações.

Ipiranga — A. da V. A.: Só pessoalmente poderiamos fornecer-lhe algumas das informações que nos pediu. Venha até cá para conversarmos. Saudações.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

EM PORTUGUÊS

Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Raymundo Reis, *Breviario*, (Versos liricos)	3$000
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres*	$200
A. D. White, *Historia da Luta entre a Sciencia e a Teologia*	3$000
Reflexões (verdades para o povo)	$300
Almanaque d'«O Livre Pensador»	$800
Guilherme Dias, *O que é o Celibato*	$200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja*	$200
Pedro de Melo, *Sonho Dantesco*	$200
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*	$200
Natanael Pereira, *A Educação religiosa*	$200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado*	$300
José Benedy, *Pedras Toscas* (versos livres)	$200
Enrico Malatesta, *A Anarquia*	$400
Chave do Esperanto	$100
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere*	$800
A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Octaviano Reinelt, *Um como não ha muitos*, (comedia de costumes nacionais em 2 actos)	1$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr*	$200
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Fernando Pelloutier, *A União dos Sindicatos e a Anarquia*	$200
F. Challaye, *O Sindicalismo*	$600
Pedro Krapótkine, *Os Bastidores das guerras*	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico*	$200
F. Domela Nieuwenhuis, *A mulher e o militarismo*	$100

EM ITALIANO

Enrico Ferri, *Dal Microbio All'uomo*	$200
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana*	$200

EM FRANCÊS

Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes*	$100
M. Nettlau, *La responsabitité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat*	$100
» » *L'Esprit de Révolte*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale*	$100

EM ESPANHOL

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Paternal*	$100
Por «El Motin» *Almanaque del Carlismo para los años 1913 a 1999*	1$200

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que se comen los curas, por Frey Gerendio.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo 150 A.

FOLHETIM DA LANTERNA (43)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

TERCEIRA PARTE
Os misterios da Inquisição

I
JARNAC

chaves. Jarnac foi abrir a porta do cubiculo, vendo então a rodeira ligada e amordaçada. Soltou-a e perguntou-lhe logo:

— Onde está a senhora de Beuvre? Preciso de lhe falar já.

A freira, ainda apavorada, respondeu com ais e invocações, e ao mesmo tempo uma voz por trás dele gritou:

— Cá está um! Rende-te, bandido!

Eram os hortelãos do convento, lívidos de terror e avançando lentamente. Atrás vinha a superiora, que disse desdenhosa:

— Fechai a portaria, imbecis! Agora é que vos fazeis valentes!

E voltando-se para Jarnac:

— E vós, saí já! Nada tendes que fazer aqui. Nem uma palavra lá fora sobre o que possais ter visto, se não... Saí!

Jarnac, porêm, acercou-se da superiora e disse-lhe baixo:

— Antes devo falar-vos, sra. de Beuvre.

— Jarnac! murmurou a superiora.

— Eu mesmo, para vos servir.

— E' o céu que vos manda... Vinde, vinde!

— E' melhor falar aqui, pois os minutos são preciosos.

Os hortelãos e a rodeira apressaram-se a sair, e a superiora referiu rapidamente o rapto de Flor de Maio, acrescentando com magua:

— Tudo perdido! Estou desonrada aos olhos do sr. arcipreste!

— Ora! Havemos de ver... Escutai: façamos um tratozinho, sim?

— Qual?

— Vistes Vanini?

— Vanini! Era ele?!

— Era. Pois eu, se consigo darlhe sumiço, receberei vinte mil libras. Se me obtendes cincoenta mil, encarrego-me de explicar os acontecimentos de hoje do melhor modo para os nossos interesses.

— Aceito.

— Bom. Nesse caso, ficai tranquila.

— Como?

— Esta noite terá o passaro voltado para a sua gaiola, Vanini estará morto e o Cavaleiro de la Barre na cadeia de Abbeville. Quem acompanhava o Cavaleiro?

— Dois malandrins que não conheço e dois fidalgos: o marquez de Maillefeu e o visconde d'Etallondes.

— E então? O nome do visconde não vos diz nada?

— Nada...

— Onde é o castelo dele?

— Ah! E eu que não tinha pensado nisso!

— Ali deve ser o quartel da quadrilha. E é o que vou já verificar.

— Era lá decerto que ia a infame sóror Santa Madalena.

— Sóror Santa Madalena?...

— Sim: tinham uma espia no convento, uma traidora: Mas isso é comigo.

— Bom, vou ver o que ha. Entretanto, mandai buscar para aqui o traje e a espada, que deixei na primeira casa da aldeia, e preparar para mim um cavalo.

— Assim se fará, disse a superiora, chocada com o tom do sicario, mas satisfeita com o seu apoio.

Jarnac partiu e três horas depois estava de volta, achando no convento o seu traje e o cavalo ensilhado. Chegou a Abbeville por volta das seis horas, depois de um galope desenfreado. A's sete, saíam da cidade sessenta cavaleiros, comandados por um oficial e levando á sua frente o primeiro juiz da senescalia, o conde de Belleval e o arcipreste Gerfaut. Jarnac precedia-os a todos, como explorador. Eram as nove quando o destacamento parou diante do castelo.

Distribuidas guardas aos cavalos e ás portas do castelo, o oficial, seguido pelos seus homens desmontados, bateu á porta pequena. O velho guarda, supondo tratar-se de um amigo atrasado, abriu caindo logo como uma massa: o oficial batera-lhe na fronte com a coronha da pistola.

Entraram todos no pateo e Jarnac penetrou no castelo, para explorar. Depois foi cercado o salão, o juiz, abrindo a porta, bradou:

— Em nome do rei, estais presos!

II
A FIRMA

O salão tinha uma porta principal, por onde entrou o juiz; na parede da esquerda, uma porta para uma saleta, por onde Salverio tentou fugir; em frente da porta principal, três janelas para o pateo de honra; e na parede da direita, uma terceira porta. Ao centro, a mesa diante da qual se sentava o notario. Disseminados, escabelos, cadeiras, poltronas.

Todos os presentes, menos o notario, recuaram para o recanto situado entre a parede da direita e a do fundo. De espada em punho, o Cavaleiro, o visconde, o marquez, Estocada e o flamengo formavam um semi-circulo, enfrentando os soldados, que se detiveram assombrados.

— Rebelião contra a autoridade régia! exclamou o juiz. Sr. oficial! mandai fazer fogo!

— Não! rugiu Gerfaut. E' preciso apanha-los vivos!

— A'vante! ordenou o oficial.

Neste momento, d'Etallondes inclinou-se para Estocada e segredou-lhe:

— Sustentai-vos um minuto!

— Pronto! respondeu o gascão, gritando logo: — Para trás, canalha!... Sr. oficial, tende cuidado... E tu, meu sargento, apara lá esta...

A cada frase, Estocada caía a fundo, ferindo o adversario designado. Cabeça de Ferro, esse executava o seu terrivel sarilho. João e de Maillefeu davam golpe sobre golpe. Havia já dez soldados no chão.

— Senhor, é preciso terminar! disse o juiz a Gerfaut. Vou ordenar que façam fogo.

— Não! disse Gerfaut, sombrio e anelante, pensando que Flor de Maio poderia ser morta.

De repente, o padre e de Belleval soltaram um grito de raiva:

— Fogem! Escapam!

D'Etallondes fôra ao recanto, arrancara um quadro que ali havia, passara a mão febril pelo tecido que cobria a parede, e tendo encontrado um botão, carregara sobre ele com fôrça. O pano rasgara-se de alto a baixo e, pela abertura que surgira, precipitara-se Salverio com Flor de Maio e a senhora de Villancourt. Atrás deles foram Madalena, Germano, Germana e Parmentier.

— Em retirada! gritou então d'Etallondes.

Um a um, os combatentes passaram em quanto Cabeça de Ferro detinha os soldados com o seu terrivel redemoinho, ajudado por Estocada. Na furia, partiu-se-lhe a espada; mas Cabeça de Ferro, levantando uma pesada poltrona, despediu-a com herculeo impulso, aproveitando a desordem estabelecida para agarrar Estocada pela cinta e precipitar-se com ele pela abertura, que imediatamente se fechou de novo.

Gerfaut, mudo, lívido, dava murros na parede. De Belleval teve que o arrancar dali. Voltando-se então para o oficial e para o juiz, rugiu:

— Mandai buscar picaretas! Deitai abaixo esta parede! E' preciso encontra-los, ainda que seja demolindo o castelo pedra por pedra! Torno-vos responsaveis por isso!

Tinha laivos de sangue nos olhos e espuma na boca.

— Nunca o vi tão horroroso! segredou o oficial ao juiz.

— Ah! se tivesseis deixado fazer fogo! disse o juiz ao raivoso padre.

— Impossivel! Preciso deles todos vivos!

— E todas vivas... resmungou Jarnac. E adeus premio de cincoenta mil libras!

A sala estava em completa desordem. Havia quinze soldados estendidos no tapete. O oficial estava ferido. Só o notario, tranquilo, embora um pouco palido, é que parecia alheio a tudo, pondo em ordem os seus papeis.

Gerfaut notou-o e disse-lhe com furor:

— Que papeis são esses? Mostrai-nos!

O funcionario ergueu-se muito digno:

— Violarieis papeis a mim confiados?

— Que me importa isso!

— Seria um atentado contra os direitos e privilegios por el-rei conferidos á minha corporação. Está presente um juiz... Tomo-o como testemunha da violencia que me é feita...

Gerfaut reconsiderou, compreendeu que iria colocar-se em situação perigosa, e então foi em voz suplicante que disse ao notario, curvando-se para ele:

— Desculpai-me... Deixai-me lançar um olhar para esse papel... Ha aí um contrato matrimonial, não é verdade?

— Efectivamente.

— Mostrai-me as assinaturas... só as assinaturas... e muito vos agradecerei... *Ela não firmou?*...

E toda a sua pessoa era lamentavel, traindo miseramente, puerilmente, os seus sentimentos.

— Desde que é um pedido que me fazeis, não vejo inconveniente em deixar-vos ver as assinaturas... Vêde...

O cura viu — e teve um gemido; iria cair, se não o amparasse o juiz.

***Flor de Maio firmara*, era já esposa do Cavaleiro de La Barre. Quando vira entrar o juiz, a sua mão cessara de tremer, fizera um supremo esforço e assinara. Quisera consumar o acto, compreendendo a sua importancia naquele momento decisivo.**

Quando Gerfaut recobrou os sentidos, viu os soldados atacarem a parede com picaretas. Pôs-se a ajudar, de picareta em punho, com frenesi inconsciente. Ao cabo de um quarto de hora, a abertura era suficiente.

Gerfaut ia passar, mas o juiz segurou-o por um braço:

— Prudencia! Esses condenados poderiam matar-vos. Deixai entrar antes os soldados.

(Continúa).